

## As muitas travessias de Albert Hirschman

Ana Maria Bianchi <sup>1</sup>

O objetivo deste artigo é destacar o importante papel de Albert O. Hirschman como economista, cientista social, e intelectual em geral. O nome de Hirschman é bastante significativo para nós, brasileiros, por ter sido um dos poucos teóricos do desenvolvimento estrangeiros que entrou em contato com correntes de pensamento tipicamente latino-americanas, como o Estruturalismo cepalino e a Teoria da Dependência. Ainda que divergindo de sua perspectiva teórica, Hirschman debateu com os adeptos dessas correntes, em suas próprias línguas nativas, as questões relativas à promoção do desenvolvimento e às políticas adequadas para atingir esse alvo.

No que se segue, farei inicialmente um breve apanhado da biografia de Hirschman, para situar o contexto em que concebeu e difundiu suas ideias. Nas sessões seguintes analisarei quatro dos livros que publicou: os três primeiros na etapa inicial de sua carreira, como pioneiro na economia do desenvolvimento, e o último, já perto do fim de sua carreira, sobre a retórica da intransigência. Encerro o artigo com algumas considerações sobre o caráter inovador de sua obra, que associa às muitas fronteiras que atravessou durante sua vida.

### As travessias

A originalidade do pensamento de Albert Hirschman é com frequência enaltecida por seus críticos, vários dos quais associam esse traço às muitas travessias que marcam sua trajetória de vida. (Adelman 2013, Cot 2010, Frobert e Ferraton 2003, Lepenies 2008, Meldolesi 1995, Rodwin 1994, Sanyal 1994) Biógrafos e analistas enumeram a quantidade de fronteiras, geográficas e disciplinares, que cruzou durante sua longa vida. Desde seus primeiros escritos sobre desenvolvimento econômico, o projeto intelectual de Hirschman caracterizou-se pela superação das barreiras entre disciplinas. O próprio Hirschman elegeu essa habilidade como sua marca pessoal, em livros de cunho auto-biográfico que intitulou, sintomaticamente, de *Essays in Trespassing* (1981) e *Crossing Boundaries* (1998). Neste último o autor relata em detalhes os sucessivos deslocamentos que sofreu: mudanças de lugar e de país de residência, de emprego, de universidade e até de nome, esta decorrente de sua condição de refugiado político.

Nascido em Berlim em 1915, Hirschman saiu da Alemanha em seguida à morte repentina de seu pai e à nomeação de Adolf Hitler como chanceler do Reich. Tinha 18 anos e foi residir em Paris, onde completou os estudos superiores na Escola de Altos Estudos Comerciais. Dois anos depois mudou-se para a Inglaterra para aprimorar sua formação em economia na London School of Economics.

Desde sua juventude Hirschman assumiu posições claras contra formas autoritárias de governo, o que o levou a engajar-se em organizações políticas de oposição ao regime. Ainda adolescente aderiu à ala jovem do Partido Social-Democrata alemão. Em 1936 combateu ao lado dos republicanos na Guerra Civil Espanhola. Deslocou-se em seguida para a Universidade de Trieste, na Itália, onde, já como professor, obteve seu doutorado. Juntamente com sua irmã Ursula e o marido desta, Eugenio Colorni, que também haviam passado a residir na cidade, aderiu a movimentos de oposição ao fascismo.

Mas a temporada italiana de Hirschman tampouco durou muito. O fortalecimento de Mussolini no poder provocou seu retorno a Paris e, logo depois, seu alistamento no exército francês, onde serviu ao lado dos resistentes até a capitulação da França, em 1940. Depois dessa segunda experiência de guerra mudou-se para Marseille, onde militou ao lado de um jovem recém-chegado de Nova York, Varian Fry, no auxílio às vítimas da perseguição do nazi-fascismo. Quando as coisas começaram a se complicar para o seu lado, em virtude não só de sua militância como também de sua ascendência judaica, Hirschman articulou sua fuga através dos Pirineus e da Península Ibérica,

---

<sup>1</sup> Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (1981). Livre-docente e Titular pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP – São Paulo - SP – E-mail: amafbian@usp.br

com nome e passaporte falsos. Em 1941 conseguiu finalmente embarcar de Lisboa em direção aos Estados Unidos, onde residiu até sua morte, em 2012.

Muito mais do que sua origem étnica, a ameaça à liberdade de expressão foi a principal razão que levou intelectuais como Hirschman a deixar a Europa. (Scherer 2000, p. 625). Dentro e fora da academia, muitos refugiados do nazi-fascismo cortaram os laços com seu país de origem e passaram a dedicar seus esforços de pesquisa aos problemas do mundo não desenvolvido. Hagemman (1998) atribui a concentração de especialistas no campo da economia do desenvolvimento a dois fatores. Em primeiro lugar, o fato de serem jovens em início de carreira era um estímulo natural para a criação de um novo campo de pesquisas, onde poderiam construir uma reputação. Mais importante do que isso, sua condição de refugiados políticos tornou-os “cidadãos do mundo”, dispostos a investigar as condições econômicas e sociais de países pobres, que se encontravam à margem do desenvolvimento. No dizer de Paul Streeten (1986), ele mesmo integrante do grupo, essa condição levou os refugiados a desenvolver “raízes aéreas”.

A vocação nômade de Hirschman e sua disposição de ultrapassar fronteiras não se esgotou com a chegada aos Estados Unidos. Como outros expatriados, Hirschman iniciou sua trajetória profissional no âmbito do recém-criado programa de pesquisas da Fundação Rockefeller, na Universidade de California-Berkeley. Mudaria de residência ainda algumas vezes, em decorrência de vínculos profissionais assumidos, sucessivamente, com as universidades de Yale (1956-58), Columbia (1958-64), Harvard (1964-74) e com o Instituto de Altos Estudos de Princeton (1974-2012). Antes disso, porém, ainda recém-chegado, alistou-se no exército dos Estados Unidos, onde serviu no norte da África e na Itália, destacando-se por sua atuação como intérprete em tribunais de guerra. Em 1946-1952 foi contratado pelo Federal Reserve para integrar a equipe de economistas incumbida de acompanhar a execução do Plano Marshall.

O passaporte de Hirschman, então já como cidadão naturalizado dos Estados Unidos, ganharia ainda vários carimbos. Em 1952 foi indicado pelo Banco Mundial para atuar no recém-criado Conselho Nacional de Planejamento, organismo constituído pelo governo da Colômbia para assessorá-lo na implementação de um amplo programa de reformas institucionais, do qual dependia a continuidade de seu incipiente processo de industrialização. Como observa Meldolesi (1995, p. 49), essa temporada na Colômbia representou para Hirschman uma “extraordinária colheita” intelectual, revelando-se um solo extremamente fértil para a germinação de ideias sobre desenvolvimento econômico cujo embrião trouxera consigo.

Em depoimento pessoal, Hirschman (1998, p. 80) atribui sua decisão de deslocar-se para a América Latina ao desejo de estudar *in loco* a questão do desenvolvimento continental. Estava longe de ser uma missão puramente intelectual. Ele queria investigar as causas do subdesenvolvimento e, ao mesmo tempo, discutir os instrumentos de política econômica mais eficazes para combatê-lo. Essa preocupação com a prática, que se traduz na mistura de elementos positivos e normativos, é outra marca registrada dos escritos de Hirschman. (Frobert e Ferraton, 2003).

Depois da experiência colombiana, que se prolongou por mais de quatro anos, Hirschman voltou a fixar residência nos Estados Unidos, desta feita a partir de vínculo com a Universidade de Yale. Suas viagens internacionais e seus contatos com os países não desenvolvidos, onde havia feito amigos e admiradores, contudo, persistiram ainda durante toda sua vida.

Entre tantos novos deslocamentos, deve-se destacar um prolongado programa de visitas a projetos do Banco Mundial realizado na primeira metade da década de 1960. Hirschman tomou a iniciativa de propor ao Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), um dos braços do Banco Mundial, um trabalho de avaliação de projetos espalhados por quatro continentes: América Latina, Ásia, África e o sul da Itália, que era então uma região pobre e mal desenvolvida.

Foi graças a esse programa de visitas a campo, que se estendeu por vários meses, que Hirschman teve contato próximo com a experiência de países que buscavam desenvolver sua economia e superar sua pobreza, por diferentes caminhos. O teórico do desenvolvimento queria entender os problemas enfrentados pelos governos e pela população desses países, bem como as

razões do êxito ou fracasso dos projetos do Banco Mundial lá implantados; queria conhecer de perto os resultados da aplicação de políticas de cunho desenvolvimentista a circunstâncias históricas e geográficas delimitadas, não só diferentes das desfrutadas pelos países já desenvolvidos como bastante heterogêneas entre si.

As muitas fronteiras que Hirschman atravessou ao longo de sua vida não são apenas geográficas. O caráter coesivo de sua obra pode ser atribuído à displicência deliberada com que sempre encarou as fronteiras disciplinares. Sua atitude em relação às mesmas foi de quase desprezo -- embora tenha tido sua formação básica na área de Economia, não titubeou em introduzir em sua teoria conceitos provenientes dos mais diversos campos do saber. Em sua economia do desenvolvimento mesclam-se com naturalidade noções de ciência econômica, ciência política, psicologia, filosofia, ética e até literatura, tendência que viria a acentuar-se ao longo do tempo. É verdade que os pioneiros do desenvolvimento nunca foram economicistas, no sentido estrito da expressão. Mas em Hirschman esse traço é mais acentuado, pois esteve sempre aberto para acolher contribuições de outras disciplinas. Essa disposição colocou-se na linha de frente da criação de conceitos como os de custos de transação, falhas de mercado, racionalidade limitada e dissonância cognitiva, hoje absorvidos na linguagem dos economistas.

A biografia de Albert Hirschman é muito rica, como se vê. O mesmo pode ser dito de sua extensa obra. Não seria possível resenhá-la aqui, e seria temerário definir seus produtos mais representativos. Escolhi, portanto, ilustrar essa riqueza mediante a análise de livros separados por um intervalo de mais de 30 anos, que são emblemáticos do início e do fim da carreira do autor.

Começo por sua trilogia sobre desenvolvimento econômico, obra de juventude, na qual Hirschman solidificou sua teoria do desenvolvimento desequilibrado. No outro extremo desse intervalo de tempo escolhi falar sobre seu livro *The Rethoric of Reaction* (1991), obra de maturidade, em que Hirschman critica os principais argumentos que há duzentos anos vêm sendo usados para combater agendas progressistas e reformas sociais.

### **O desenvolvimento desequilibrado e seus desdobramentos**

Como é possível dizer, de um modo geral, sobre os pioneiros da economia do desenvolvimento, Hirschman adota uma abordagem que é simultaneamente analítica e orientada para a definição de políticas. Vale também lembrar, como faz Arndt (1987, p. 165), que o desenvolvimento econômico, como processo real, foi historicamente anterior ao desenvolvimento como objetivo de política. Em meados do século XX, antes mesmo que os economistas a colocassem no centro de suas preocupações teóricas, essa idéia tornou-se meta a ser deliberadamente perseguida pelos países do 3º Mundo.

À semelhança de outros pioneiros da economia do desenvolvimento, Hirschman foi um “dissidente” em relação à teoria econômica tradicional. Assim ele foi visto por seus pares e seguidores, e assim ele próprio se viu. Em sua percepção, a Crise de 1929 gerou descrédito em relação à corrente dominante, e a economia do desenvolvimento soube tirar proveito disso. Conceitos econômicos ortodoxos pareceram a esses dissidentes inadequados para explicar as novas condições do processo de desenvolvimento.

A despeito dessa afinidade, porém, em pelo menos dois aspectos Hirschman distingue-se de outros pioneiros: em primeiro lugar, por ter combatido a tese do desenvolvimento equilibrado; em segundo lugar, por se mostrar desde o início reticente em relação à ideia de que o desenvolvimento deveria ser um processo inteiramente planejado.

No primeiro livro de sua trilogia, *The Strategy of Economic Development*, publicado originalmente em 1958, Hirschman expõe, ousadamente, a tese do desenvolvimento como uma cadeia de desequilíbrios. Ele questiona a proposta de crescimento equilibrado que havia sido defendida por seus antecessores no campo, entre eles Paul N. Rosenstein-Rodan, Ragnar Nurkse, Arthur Lewis e Tibor Scitovsky. Em seu entendimento, os problemas de industrialização não requeriam uma solução simultânea, como alegavam estes últimos. Não era preciso que o processo ocorresse conjuntamente nos vários segmentos do mercado, mantendo-se a proporção entre eles.

Pelo contrário, a industrialização dos países ainda não desenvolvidos favorecia uma série de soluções diferentes daquelas seguidas pelos primeiros países a conquistar esse objetivo, que demandavam a canalização adequada da energia humana.

Hirschman defende que a principal fonte de desenvolvimento proviria de atividades com alto potencial de gerar encadeamentos (*linkages*, no original inglês), principalmente encadeamentos para trás (*backward linkages*), que enviariam estímulos para setores produtores dos insumos requeridos pela atividade, fossem eles de natureza industrial ou não. Complementarmente, encadeamentos para a frente (*forward linkages*) induziriam o estabelecimento de novas atividades capazes de utilizar o produto da atividade proposta. Assim, a expansão da indústria A geraria a economias externas, criando uma demanda não atendida que poderia ser apropriada por B, ao mesmo tempo em que a subsequente expansão de B promoveria economias externas que poderiam ser internalizadas por A (ou por C), e assim por diante. (Hirschman 1958, p. 67)

A idéia de que o desenvolvimento industrial deveria (e, de fato, iria) proceder amplamente por meio de efeitos de encadeamento é hoje um lugar comum entre os economistas. Na época em que foi lançada por Hirschman, contudo, essa tese era revolucionária, pois implicava que um país que quisesse industrializar-se deveria abandonar a forma tradicional de fazer as coisas. O desenvolvimento não deveria ser pensado como um processo equilibrado, nem como um processo totalmente planejado pela autoridade pública, sem tensões, sem brechas temporárias, sem pressões de qualquer espécie. Ao contrário, o processo encontraria seu caminho em meio a desequilíbrios e às tensões deles resultantes, procedendo dos “últimos toques” à indústria intermediária e básica. Empreendimentos que envolviam muito capital e tecnologia complexa (*show-pieces*), como uma estação hidroelétrica, uma usina de aço ou uma fábrica de aviões, poderiam alcançar sucesso considerável em países não desenvolvidos, em virtude de seu potencial de gerar desdobramentos. Entre outras vantagens, fomentariam e difundiriam para o resto da economia o hábito de manutenção, tão carente nas atividades econômicas mais tradicionais.

Hirschman é considerado o primeiro economista a transformar a idéia de encadeamentos na espinha dorsal de uma estratégia deliberada de desenvolvimento. (Syrquin 1992) Ele não foi o primeiro economista a recomendar o investimento em projetos com alto potencial de efeito-demonstração, mas foi enfático na defesa de suas vantagens, por razões econômicas e também políticas. Além de funcionarem como indutores do desenvolvimento, essas atividades favoreciam um certo nível de escrutínio público, que a seu turno criaria estímulos para a melhoria de seus padrões de desempenho e minimizaria o risco de corrupção.

A originalidade da abordagem de Hirschman está em sua contraposição à perspectiva até então predominante na literatura. Os países de industrialização tardia não precisavam trilhar todos os passos dos países já industrializados, nem era desejável que o fizessem. Seu caminho para o desenvolvimento deveria consistir numa seqüência de desequilíbrios. Com a oferta de bens intermediários e de capital vindos do exterior, esses países estariam capacitados a mover-se livremente dos últimos para os primeiros estágios de produção industrial.

Em *Journeys toward Progress*, o segundo livro de sua trilogia, publicado em 1963, Hirschman cumpre uma promessa feita na conclusão do livro anterior. A obra é apresentada como fruto do esforço para retratar a maneira latino-americana de lidar com problemas de política econômica, com suas virtudes e suas limitações. Com típica disposição, Hirschman dá um passo além do estrito domínio da economia para investigar o processo decisório das autoridades políticas na América Latina, uma vez que considerava que a capacidade de tomar decisões adequadas ao desenvolvimento era um dos principais recursos escassos. Propõe-se assim a avaliar a qualidade da decisão pública em determinado contexto institucional, bem como a habilidade de agir sobre esse contexto.

O livro começa com a análise de três casos concretos: Brasil, Colômbia e Chile. No primeiro caso, Hirschman retrata o nordeste brasileiro como uma região problemática, sujeita a secas e com um sistema fundiário muito desigual, para em seguida descrever os vários passos da criação da

Sudene (Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste) em 1959.<sup>2</sup> No capítulo sobre a Colômbia, que trata do uso da terra e da reforma da propriedade fundiária, Hirschman questiona a idéia dominante de persistência de “padrões feudais” na América Latina, O capítulo sobre o Chile é dedicado à análise das sucessivas crises inflacionárias por que o país passara, desde o século XIX, bem como à análise das tentativas de debelá-las.

Hirschman volta-se em seguida para a questão: existe um estilo latino-americano de resolver problemas e fazer política? Para respondê-la, não assume a posição de um observador externo, mas sim a de alguém disposto a compreender a situação de dentro. Como disse mais tarde, estava interessado em chegar a “um entendimento do entendimento que os latino-americanos tem de sua própria realidade”. (Hirschman 1971, p. 271)

É nesse ponto de sua argumentação que Hirschman introduz uma expressão francesa que se tornaria central no livro: *la rage de vouloir conclure* (a raiva de querer concluir). Altamente contextual, essa expressão designa o estilo de resolução de problemas dos países de industrialização tardia. Problemas sociais urgentes, como aqueles vividos pelos camponeses colombianos, os nordestinos assolados pelas secas no Brasil e os assalariados chilenos, demandavam respostas rápidas dos tomadores de decisão, que precisavam voltar suas energias, em um primeiro momento, apenas para pacificar os protestos. Nesse esforço freqüentemente pulavam para uma solução pronta, muitas vezes copiada daquelas que haviam sido adotadas em circunstâncias bem diversas. A mesma cobrança de soluções imediatas (e portanto apressadas) era feita em relação aos economistas estrangeiros que eram enviados em missões oficiais ao País. Essa temática ganhou precedência nas preocupações de Hirschman, como discuti em trabalho anterior. (Bianchi 2011)

Outro traço da atitude latino-americana era a “fracassomania” (*failure complex*, em inglês, *fracasomania*, em espanhol). Hirschman dá esse apelido a um estilo auto-depreciativo de fazer política observado entre as autoridades públicas da América Latina. As histórias relatadas em *Journeys* tem manifestações concretas desse traço psicológico coletivo. Movidos pelo afã de resolver todos os problemas o mais rapidamente possível (*la rage...*), os formuladores de política inclinavam-se a buscar uma solução “fundamental”, definitiva. O entusiasmo ansioso com o qual missões de especialistas estrangeiros eram saudadas em sua chegada à América Latina fazia parte desse padrão ambivalente. Sua presença no país tendia a favorecer alianças políticas temporárias, capazes de acalmar os ânimos e reconciliar temporariamente as partes em conflito, mas que eram rompidas tão logo a missão voltava a seu país de origem. Seus conselhos eram aparentemente aceitos, mas a presença da fracassomania gerava um clima de sabotagem inconsciente. Em última análise, esse padrão explicaria o insucesso de algumas políticas sugeridas, como, por exemplo, aquelas adotadas no Chile para controlar a inflação.

Totalmente descrente dessa busca de uma solução definitiva para os problemas do desenvolvimento, baseada em planos grandiosos, Hirschman faz a defesa de ganhos incrementais e de uma estratégia de resolução de problemas. Como observado por Coser (1984, p. 166), ele favorece procedimentos que levam à criação de meios institucionais para trazer à vida recursos potenciais. Essa estratégia demanda não apenas medidas mais imediatas como também, e principalmente, um processo de aprendizado, capaz de criar uma base estável para mudanças no processo de tomada de decisão pública e individual. (Schön 1994)

Finalmente, o terceiro livro da trilogia é *Development Projects Observed*, publicado em 1967. Trata-se de um relatório da visita de Hirschman, acima mencionada, a projetos do Banco Mundial espalhados por quatro continentes. No início do livro Hirschman esclarece que fez um esforço de olhar “além da tecnologia”, para enfatizar, ao invés disso, o ambiente social e cultural no qual projetos de desenvolvimento criam raízes.

Um conceito importante no livro é o de latitude, que é definido por Hirschman (1967, p.86) como a característica do projeto que permite ao planejador moldá-lo, ou deixá-lo tomar um rumo

---

<sup>2</sup> Nessa descrição refere-se ao importante papel desempenhado por Celso Furtado, designado superintendente do órgão. Nos arquivos da Mudd Library, pertencente à Universidade de Princeton, é possível encontrar o relato de uma alentada entrevista que Hirschman realizou com Furtado na ocasião.

específico, independentemente de ocorrências externas. Diferentes tipos de atividade econômica comportam diferentes graus de latitude, que se refletem nos padrões de desempenho requeridos. Quando a latitude é pequena, existe uma baixa tolerância para um mau desempenho. Nesse caso, as tarefas correspondentes à atividade devem ser desempenhadas de maneira precisamente definida, pois sem isso não podem ser desempenhadas de todo ou, pelo menos, correm um considerável risco de fracasso. Para ilustrar essa recomendação, o autor compara a indústria aeronáutica com a operação de estradas de rodagem. No primeiro caso, a probabilidade de desastres é muito alta, com consequências dramáticas; por conseguinte, sua latitude é inferior àquela que se verifica no setor rodoviário.

Hirschman destaca a utilidade das noções acima descritas no entendimento das dificuldades e conquistas específicas observadas nos diferentes projetos visitados. Em particular, salienta o processo de aprendizado e aquisição de habilidades decorrente de graus variáveis de latitude. Uma latitude maior tem consequências positivas, entre as quais o aprendizado decorrente da possibilidade de adaptar modelos importados de comportamento econômico às condições e às demandas locais. Por outro lado, condições de pequena latitude, que oferecem pouca margem de arbítrio para decisões, podem ser vantajosas do ponto de vista prático: para evitar acidentes, o operador do transporte aeroviário tenderá a seguir fielmente os procedimentos recomendados, e os gestores irão equipar-se com disciplina e guias de ação pormenorizados.

Outro conceito central em *Development Projects* é o que Hirschman designa por princípio da “mão escondida” (*hiding hand*), uma metáfora inspirada no conceito weberiano de consequências não intencionais da ação humana. Ele a associa a uma de suas ideias mais caras, que é a busca de racionalidades ocultas.

Como a mão escondida atua em situações concretas? Projetos de desenvolvimento estão sujeitos a dois tipos de desdobramentos potenciais: ameaças insuspeitadas, de um lado; e ações terapêuticas que podem ser tomadas na hipótese de que estas ameaças venham a tornar-se reais, de outro. No Uruguai Hirschman pôde observar a implantação de um projeto de reforma de pastagens cujos protagonistas ignoravam ou subestimavam a extensão do trabalho demandado. Se os fazendeiros visitados pelo autor tivessem informação completa sobre as dificuldades envolvidas no projeto de reforma, é provável que tivessem desistido da empreitada. Ao fazê-lo, porém, nunca alcançariam as soluções alternativas que depois se revelaram as grandes virtudes do projeto. Uma “mão escondida” benevolente levou os fazendeiros, tradicionalmente absenteístas, a assumir comportamentos que *ex-ante* teriam evitado, tais como a decisão de residir na propriedade para acompanhar o andamento da reforma. Diante das pressões, esses fazendeiros reagiram positivamente, adotando rumos de ação que foram cruciais para o êxito do projeto.

### A retórica da reação

Em 1991, aos 76 anos de idade, Hirschman publicou o livro *The Rhetoric of Reaction – Perversity, Futility, Jeopardy*.<sup>3</sup> Sua intenção era mapear os argumentos usados em um discurso de pelo menos dois séculos de idade, cujo sentido era (e continua a ser) contrapor-se aos avanços sociais conquistados pela humanidade e às reformas necessárias para concretizá-los. Neste ponto o espírito aventureiro de Hirschman se desloca para a história das ideias, terreno com o qual já se havia familiarizado em incursões anteriores. Analisa de forma cuidadosa a retórica empregada pelos líderes intelectuais dos movimentos reacionários, em diferentes contextos e períodos da história.

Hirschman descreve três ondas reacionárias: i) a primeira delas foi constituída em oposição à igualdade civil, ou seja, às conquistas da Revolução Francesa e da Declaração de Direitos Humanos; ii) a segunda onda foi provocada pela reação ao sufrágio universal, movida, por conseguinte, pelo intuito de deter o incremento da participação popular na política; iii) a terceira

<sup>3</sup> Editado em português pela Companhia das Letras sob o título *A Retórica da Intransigência*. Por motivos que não são claros, o tradutor brasileiro usou a palavra “intransigência” para designar o termo inglês “reaction”, que Hirschman faz questão de definir logo no início do livro.

onda proveio da resistência ao Estado de Bem Estar Social, com o objetivo de suprimir ou “reformatar” algumas de suas concessões. A essas ondas corresponderiam, respectivamente, três teses reacionárias: a tese da perversidade; a tese da futilidade; e a tese do risco.

Convém aqui seguir a ordem estabelecida por Hirschman, caracterizando uma a uma essas teses. Aqueles que propagam a tese da perversidade, diz Hirschman, alegam que a tentativa de mover a sociedade para uma determinada direção levará a que se mova, sim, mas na direção oposta. Assim, integrantes do movimento de oposição ao sufrágio universal adotaram a tese do efeito perverso para chamar a atenção sobre os perigos de se confiar os destinos de uma nação a multidões irracionais. Outros alertaram para as consequências possivelmente nefastas da implantação da democracia representativa, decorrentes da pressão de interesses eleitores, que provocariam incrementos indesejáveis nos gastos públicos.

A mesma tese da perversidade é invocada pelos críticos das Leis dos Pobres na Inglaterra, entre os quais se alinhavam Defoe, Malthus e Tocqueville. Esses intelectuais públicos centraram seu combate verbal na suposta ingenuidade desse tipo de política de combate à pobreza, cujas consequências, segundo eles, iriam na contramão dos objetivos visados por seus introdutores. Por bem fazer, mal haver: além de não servir para refrear a mendicância, a adoção de medidas de proteção aos pobres encorajaria a indolência e, por conseguinte, acabaria por levar ao aumento da pobreza.

Hirschman descreve a tese da futilidade como menos inflamada e mais simples do que a da perversidade. Qualifica-a como uma lei do “não-movimento”, que se baseia no argumento da inutilidade de qualquer esforço para mudar as coisas --- *plus ça change, plus c'est la même chose*, na expressão francesa consagrada. Tocqueville é o primeiro a adotar essa tese, com o intuito de esvaziar o conteúdo revolucionário e o alcance da Revolução Francesa. Da mesma forma, Mosca e Pareto apontam como inócua a extensão do direito de voto a populações como a da Sicília, pois, argumentam, a rígida hierarquia social prevalente nesse tipo de sociedade e sua política clientelista acabariam por inviabilizar a manifestação dos legítimos interesses das classes inferiores.

Será um Estado de Bem Estar realmente capaz de “entregar os bens” aos pobres? indagam seus críticos conservadores. Arelada ao liberalismo tradicional, a resposta negativa fundamenta-se sobre as consequências desastrosas que tenderiam a advir da tentativa de interferir no livre funcionamento do mercado. Boas intenções são fúteis em suas consequências: há uma alta probabilidade de que as transferências de renda não atinjam de fato as classes sociais eleitas para as quais foram concebidas. A ironia é que elas acabam por beneficiar apenas a classe média, ao dar emprego a um grande número de gestores dos programas e seus assistentes sociais. Hirschman ilustra essa argumentação com as críticas aos mecanismos de seguro-desemprego nos Estados Unidos. Para tais críticos, os defensores do seguro-desemprego adotam um “mito pernicioso”, ao ignorarem o fato de que a ubiquidade do trabalho sem registro entre os trabalhadores pobres deixa-os à margem das qualificações exigidas para fazer jus aos benefícios do programa.

Finalmente, a tese do risco, que Hirschman considera ser a mais alta expressão da retórica reacionária, afirma que determinada mudança, ainda que desejável, envolve custos ou consequências inaceitáveis. Nessa perspectiva, os críticos não questionam a correção da mudança em si mesma. A mudança é boa, afirmam, mas seus desdobramentos lamentavelmente a tornarão perigosa, imprudente, ou simplesmente indesejável. Esse argumento conservador é bem construído e persuasivo na crítica de medidas que a sociedade vê, em princípio, com bons olhos. Não é que uma determinada política social deva ser rechaçada porque seus custos são elevados; o problema é que ela pode ser incompatível com outra mudança que já está em andamento, de custo menor e bem sucedida do ponto de vista social.

Hirschman mostra como a tese do risco norteou a resistência ao sufrágio universal em países nos quais os direitos civis e as liberdades individuais já estavam firmemente estabelecidos. É mais prudente adiar a adoção do sufrágio universal para uma data indefinida, alegavam os conservadores, pois ele coloca em risco conquistas sociais significativas. Nesse trecho do livro Hirschman introduz uma discussão sobre o conceito de liberdade. Explora os sentidos negativo e positivo do conceito,

bem como discute a contraposição que se faz frequentemente entre liberdade e igualdade. Na argumentação reacionária, a extensão do direito de voto às massas, motivada pelo desejo de igualdade, seria uma ameaça latente para o livre comércio e o progresso econômico dele decorrente. Em suma, quem tudo quer corre o risco de tudo perder.

De forma semelhante, Hirschman analisa a retórica que contribuiu para a erosão da autoridade governamental na segunda metade do século XX. Em um primeiro momento, o Estado de Bem Estar e a própria democracia são apresentados por seus críticos como um risco para as liberdades individuais e a governança democrática; em uma segunda etapa, são apresentados como uma ameaça ao próprio crescimento econômico.

Para cada uma das teses expostas, Hirschman introduz contra-argumentos. Não é o caso de reproduzi-los aqui, mas devo apontar que fazem parte do exame desapassionado (*'cool examination'*) do discurso reacionário a que o autor se dedica no livro, com o intuito de expor à luz do dia os imperativos do argumento e possibilitar a livre comunicação de ideias.

A nota curiosa surge já na parte final do livro, quando Hirschman dedica algumas páginas à análise dos argumentos progressistas. Para sua própria surpresa, encontra nestes o mesmo tipo de “retórica primária, peremptória e intransigente” com a qual se deparara na retórica conservadora. (Hirschman 1991, p. 148). Os valores de progressistas e reacionários são bem diferentes, não há dúvida. Mas os primeiros também se valem da tese do risco quando argumentam, por exemplo, que novas reformas são necessárias para não tolher a continuidade de reformas anteriores; valem-se da tese da perversidade quando falam da ameaça de dissolução social ou de radicalização dos movimentos sociais para justificar a adoção de políticas de bem estar; e apoiam-se na tese da futilidade quando invocam a crença na permanência do progresso, calçada na convicção de que a história está do lado progressista, para desacreditar a possibilidade de interrupção desse movimento.

Hirschman não quis fazer de seu livro uma condenação moral aos diferentes tipos de retórica e teses reacionárias. Seu recado está a quem disso: como argumenta no prefácio, a travessia proposta nesta obra tem como horizonte um ambiente democrático de circulação de idéias, capaz de constranger o espaço de discursos repetitivos e frágeis. Foi com essa preocupação que se dispôs a classificar os diferentes tipos de argumento, bem como discorrer sobre os mitos e estereótipos associados a cada tese e às interações entre elas.

### Considerações Finais

Expus inicialmente neste artigo os aspectos da biografia de Hirschman que evidenciam as muitas fronteiras, geográficas e disciplinares, que cruzou durante a vida, capazes de ampliar significativamente seu escopo de visão.

Na sessão seguinte analisei a trilogia que Hirschman escreveu sobre desenvolvimento econômico. Os livros que compõem essa trilogia estão apoiados em extensa reconstituição histórica e em sólida evidência, obtida a partir de visitas e pesquisas de campo, que fizeram de Hirschman um profundo conhecedor dos países do 3º mundo no período pós-guerra. Além da definição do desenvolvimento como uma série de desequilíbrios, e da introdução da ideia de desdobramentos, a contribuição da trilogia deriva da preocupação de seu autor em articular habilmente construção teórica, observação empírica e recomendações políticas.

Debrucei-me em seguida sobre uma obra de maturidade, na qual Hirschman reflete criticamente sobre teses reacionárias que se contrapõem aos avanços sociais da humanidade.

Para concluir acho oportuno dizer que, além de economista competente, Hirschman foi figura intelectual de expressão no século XX. Suas ideias originais, inspiradas por muitas travessias, repercutem muito além das fronteiras da economia ou de qualquer ciência particular.

### Referências

Adelman 2010. Jeremy Adelman, *Wordly philosopher: The Odissey of Albert Hirschman*. Princeton: Princeton University Press, 2013.

- Arndt 1987. H. W. Arndt, *Economic Development – The History of an Idea*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Bianchi 2011. Ana Maria Bianchi, Visiting-economists through Hirschman's eyes. *European Journal of the History of Economic Thought*, vol. 18, pp. 217-242.
- Coser 1984. L. Coser, *Refugee Scholars in America*. New Haven: Yale University Press.
- Cot 2010. Annie L. Cot, Albert Hirschman: Un intellectual Maverick, *La Revue Tocqueville*, vol. XXXI, n. 2.
- Frobert e Ferraton 2003. Ludovic Frobert e Cyrille Ferraton, C.. *L'Enquête Inachevée. Introduction à l'Economie Politique d'Albert O. Hirschman*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Hagemann 1998. H. Hagemann on the émigré economist. In S. H. Bostaph, "Remembrance and appreciation roundtable". Dr. Henry William Spiegel: emigré economist, historian of economics, creative scholar and companion (1911-1995). *American Journal of Economics and Sociology*, 57 (3), July 1998.
- Hirschman 1958. A. O. Hirschman, *The Strategy of Economic Development*. New Haven: Yale University Press.
- Hirschman 1963/68. A. O. Hirschman, *Journeys Toward Progress*. New York: Greenwood Press.
- Hirschman 1967. A. O. Hirschman, *Development Projects Observed*. Washington, D.C.: Brookings Institution, 1967.
- Hirschman 1971. A. O. Hirschman, *A Bias for Hope - Essays on Development and Latin America*. New Haven, Yale University Press.
- Hirschman 1981. A. O. Hirschman, *Essays in Trespassing – Economics to Politics and Beyond*. Cambridge University Press, 1981.
- Hirschman 1991. A. O. Hirschman, *The Rhetoric of Reaction – Perversity, Futility, Jeopardy*. The Belknap Press of Harvard University Press.
- Hirschman 1998. A. O. Hirschman, *Crossing Boundaries*. New York, Zone Books.
- Lepenes 2008. Philip H. Lepenes, Possibilism: An approach to problem-solving derived from the life and work of Albert O. Hirschman. *Development and Change* vol. 39 n. 3, pp. 437-459.
- Meldolesi 1995. Luca Meldolesi, *Discovering the Possible: The Surprising World of Albert O. Hirschman*. Notre Dame: University of Notre Dame Press.
- Rodwin 1994. Lloyd Rodwin, Rethinking the development experience: aims, themes, and theses. In: L. Rodwin e D. A. Schön (eds), *Rethinking the development experience – Essays provoked by the work of Albert Hirschman*. Washington, D. C., The Brookings Institution e Cambridge, Mass., The Lincoln Institute of Land Policy.
- Sanyal 1994. Bishwapriya Sanyal, Social construction of hope. In: L. Rodwin e D. A. Schön (eds), *Rethinking the development experience – Essays provoked by the work of Albert Hirschman*. Washington, D. C., The Brookings Institution e Cambridge, Mass., The Lincoln Institute of Land Policy.
- Scherer 2000. F. M. Scherer, The emigration of German-Speaking economists after 1933. *Journal of Economic Literature*, XXXVIII, pp. 614-626.
- Schön 1994. Donald A. Schön, Hirschman's elusive theory of social learning. in: In: L. Rodwin e D. A. Schön (eds), *Rethinking the development experience – Essays provoked by the work of Albert Hirschman*. Washington, D. C., The Brookings Institution e Cambridge, Mass., The Lincoln Institute of Land Policy.

Streeten 1986. Paul Streeten, Aerial roots. *Banca Nazionale del Lavoro Quarterly*, 39, pp. 135-60.

Syrquin 1992. M. Syrquin, Linkages and the Strategy of Development. In: S. Teitel (ed.), *Towards a New Development Strategy for Latin America: Pathways from Hirschman's Thoughts*. Interamerican Development Bank, 1992.